

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento?

Class.: Kayabi

Data: 19.07.59

Pg.: 11 C3R00001

O índio que eu vi em Mato Grosso

(13.º de uma série)

PRIMEIRO E ÚLTIMO DIA

PRECISAMENTE quarenta anos depois do Tenente Pyrenens, desço o rio Teles Pires. Inspeção a tribo Caiabi. Que vi? Nada e vi um mundo de coisa. Nada, porque ninguém conhece. Um mundo, por quem tudo se cria na hora presente. Teles Pires é Mato Grosso, grosso mesmo! Teles Pires hoje não é mistério. Andar sozinho com índio, isto já é pitoresco e jornalístico. De qualquer forma, a viagem, desde o primeiro dia, se realiza na região onde o épico é coisa de todo dia.

Sai de Diamantino num dia duro de seca: 18 de abril de 1955. Repetia um trecho da viagem do ano anterior. A temporada da chuva já caminha para o fim. Nesta grande viagem de 1955 apanhei apenas um aguaceiro, nem sei mais onde. Hoje a nuvem, causada de chorar, pende pesada sobre o mat de terra plana do chapadão desconhecido. Dia denso para começar. Apenas um que outro clara no céu. Mas tudo levanta e ficamos com a sede, mal endêmico do sertão...

A viagem dura começa propriamente no Posto indígena José Bezerra. Quando concluí o roteiro no dia 31 de agosto, a temporada da chuva já caminha para o fim. Nesta grande viagem de 1955 apanhei apenas um aguaceiro, nem sei mais onde. Hoje a nuvem, causada de chorar, pende pesada sobre o mat de terra plana do chapadão desconhecido. Dia denso para começar. Apenas um que outro clara no céu. Mas tudo levanta e ficamos com a sede, mal endêmico do sertão...

FITA SIMBÓLICA

Hoje em dia a feitoria de seringueiro e rancho de neocolono marca de tempo a tempo a extensa linha do rio Teles Pires. Já na barra do rio Peixoto de Azevedo, não longe da fronteira do Pará, o seringueiro domina. A colonização deu, por os dois lados do rio. Cessou a hostilidade do índio Caiabi. Campo de aviação não falta. Mas isto tudo ainda não é Brasil! De um dia para outro a mancha de terra trabalhada vira deserto novamente: o colono desertou!

Algum índio Caiabi vive pacificamente ao lado do civilizado. A maior parte da tribo retrai-se para lugar isolado ou algum posto do Serviço de Proteção dos Índios. Do século vinte só a máquina. Não fosse o caminhão, o barco a motor, a lâmpada elétrica, estaríamos em pleno século XVI!

Para começar, faço viagem em caminhão. Corto a Lagoa, córrego assim chamado, porque nasce de uma lagoa. Por ela passa o caminho de trepa, de Quiabá para o Posto José Bezerra. O índio Caiabi considera a como limite sul do seu território. Em 1928 assaltou a uma tropa: Três homens e uma mulher nunca mais saíram da lagoa. O Caiabi corta a ca-

beça dos tres e as leva para a festa... O ultimo caso registrado ocorre em 1947: o índio apelidado Coeca corta a cabeça a um seringueiro e a carrega para o índio Tatui. O córrego e a lagoa fazem uma fita simbólica. Ali a civilização perde todo sentido. Rampa a fita com um bom fole d'água...

Mais adiante uma cruz. O seringueiro morreu no ano de 1954. Ao lado da cruz, um dispositivo para se colocar flor. Uma garrafa serve de castiçal. Um japonês coloca um frascozinho com água: solidariedade do sertão! O homem morre por afã, de doença, de falta sem endereço certo, por justiça sertaneja, por afogamento em alguma cachoeira. Morre homem, mulher e também criança. Muitas vezes morre gente e não se sabe porque...

PRIMEIRO DIA DE CANOA

Saio do Posto José Bezerra, em companhia de índio Caiabi. O Sr. Donato Apolônio da Silva, encarregado do Posto, aproveita minha viagem de encarregado do governo a pisar aquele chão caiabi. Viagem de canoa. O Caiabi domina as águas. Toaracin e Yvaricatu, dois rapazes, têm sua história. Pena que no sertão tudo se perde no dia-a-dia rústico e des-

ONDE O ÉPICO É COISA DE TODO DIA

Por J. A. ZATIAMARE

PRIMEIRO E ÚLTIMO DIA - FITA SIMBÓLICA - PRIMEIRO DIA DE CANOA - INDEPENDÊNCIA, CEMITÉRIO DO PROGRESSO - PORTO ATLÂNTIDA ACREDITA NO PADRE - AGORA O CAIABI

colorido. Toaracin, apelidado de Barriga, veio para o Posto ainda criança de braço e já não dominava a língua materna. Yvaricatu tem ano e pouco de vida em José Bezerra.

A Canoa leva quase só vivas. O grosso da bagagem desceu por outra via. Começo com o rio medindo 60 a 80 metros de largo. Barranca alta e incli nada. De pequenina a canoa quase desaparece na ampla paisagem fluvial. Algum índio limpa um bananal. Toaracin grita: "Yemoepá yeruri!" - "Eu vou para baixo, vocês, fiquem, não façam muita farral!" Começam os estirões e volta. Paisagem sempre repetida, morrendo em margens variadas. Ariscas caças de toda espécie, de pé e pena: porco do mato, capivara, "caidor" sucessivo de anta, Macaco, coati, jacutinga, mutum. Ao meio dia o Sr. Donato teve ocasião. Um tiro bem na testa e capivara mergulha. Após meia hora de paciente espera, bota morta...

A tarde, atravesso a primeira cachoeira, na barra do córrego Taxin. Cachoeira é tração. É preciso esquadriñar a água. A pedra esconde-se quase a flor d'água. Viajo por água mais funda. Conheço a água funda pela coloração, jeito da caída. O melhor professor é a prática. O mais cuidadoso é quem tem mais experiência...

Pouso depois de boa travessia. Lugar e hora agressiva: natureza bruta, falta de tudo a que estou acostumado. Apenas o indispensável: água, lenha e ar. Mader de rede para descanso destas coisas, boas, em Mato Grosso!

INDEPENDÊNCIA, CEMITÉRIO DO PROGRESSO!

O rio continua. A caça abunda. Aqui parar a canoa é de obrigação. Ela desce a água a poder de corda. Toda carga vai a ombro até refugio abaixo da cachoeira: 300 metros. Esda cachoeira 300 metros. Esras de viagem, chama-se Cinco de Maio. Hoje é dia seis. Mato Grosso é assim. Continuamos a viagem, cachoeira após cachoeira. Vem Porto Independência.

Porto Independência, até um ano atrás, era um centro de penetração, na exploração de borracha da Firma Spinelli. Havia um campinho de aviação.

Rancho formavam em rua. Ao redor da grande roça. Hoje, tudo invadido de mato. O visitante leva como lembrança um mundo de carrapicho. Conseravam apenas o velho barracão, para feitoria. No ano passado, poucos dias após minha visita um incêndio levou tudo: casa, gasolina, borracha, viveres e mercadoria em estoque. Corre um mundo de opiniões a respeito do incêndio.

todos. Seguimos. A última cachoeira antes de Porto Atlântida, chama-se Cora. Aparece o grito estridente do pássaro "poaieiro". Surge a primeira feitoria de seringueiro. As outras se seguem numa extensão de 400 quilômetros. Pouso na feitoria do Gildásio. Nome pomposo: "feitoria do Monte Castelo". Continuo. Dou com a primeira castanheira do Pará, chamada também Uvá. O rio se alarga, 200 metros e mais. A vizinho-me de Porto Atlântida. Progresso da era atômica...

PORTO ATLÂNTIDA ACREDITA NO PADRE

Porto Atlântida, nome de acento heróico. Justifica-se pelo arrojo do rio e do homem

nesta região. Um travessão tranca de repente o caminho da água. Despenca da Serra dos Caiabls para dizer um não para a água majestosa. O rio cresce. Forma à esquerda uma enseada: o porto - Porto Atlântida. O rio vence a muralha rochosa. A montanha corre mais embaixo a dizer não outra vez. A luta se prolonga por 25 quilômetros de cachoeiras quase ininterruptas. O rio vence. A canoa desce o rio apenas com o pessoal. A bagagem desce por estrada de rodagem, 27 quilômetros.

O cachoeirão é um obstáculo sério à navegação. Só embarcação de leve calado e assim mesmo com muito cuidado! Os índios desceram o rio com a canoa. Acostumados desde pequeno a lidar nas cachoeiras e corredeiras, parece antes divertisao o trabalho duro e extenuante.

Porto Atlântida vive um dia tremendo. Ninguém dá por nada: é coisa de cada dia no sertão. Abaixo do cachoeirão, situa-se Porto Seguro, outro barracão da Firma Spinelli. O

trator que reboca a carga pelos 27 quilômetros de varadouro, quebrou-se. Danificado também o Jipe da Firma Camargo Correia. O pessoal esperando mantimento, curtindo fome. O seringueiro afluí aos montes para o barracão, para buscar "boia" e só encontra madeira das prateleiras... Aparece padre na região. Todos dizem: "O padre! O padre!" Pedro Santana larga o verbo: "Era necessário que o Sr. viesse!"

Tomo parte no caso da fome. O encarregado envia uma embarcação cachoeirão acima. Já a quatro quilômetros de Porto Atlântida ela não vence um travessão de mais de meio metro de desnível. Batemos então os quatro quilômetros com gêneros alimentícios às costas até a embarcação. Fizemos viagem para baixo todos juntos. Foi quando num rebojo, o vórtice enguliu a canoa. Bebeu a prã ficando a prã verticalmente levantada. Felizmente não se perdeu muita coisa.

Fato banal e sem relevo esta conjuração de fome e naufrágio coisa de todo dia no sertão.

EM 1952 chegou na enseada de Porto Atlântida um batelão com uma turma de homens da Firma Spinelli. Em 1953 o homem varou sertão até a barra do Peixoto de Azevedo, beirando o Pará. As picadas ou estradas de seringa, terminadas em 1954. Neste ano, tudo funciona. Veio a fome, doença, rebelião. Três vítimas de justiça sumária. O Caiabi, recuado para os meandros do interior desabitado reage. O seringueiro não recua. Nem a saudade da família distante pode com o seringueiro na ponta da picada.

O índio Caiabi anda mudado, mais chegado ao civilizado. Defende a tradição tribal numa luta titânica contra a inovação trazida pelo seringueiro. Pyrenens deveria ter dado com uns 600 índios. O Caiabi seria contado em número de 1.200. Hoje a tribo não conta talvez com 350 índios. Porque diminuiu a tribo? Creio que por guerra contra o pioneiro branco, por depressão moral. Depressão moral tremenda. Resiste a tribo anos, e anos à invasão branca de suas terras. A doença importada do seringueiro dizima a tribo: gripe, pneumonia, sarampo e males venéreos. Depois de 1940, notável epidemia no Posto José Bezerra. Trouxeram gripe do Pará. A expedição Roncador-Xingu aposentou da vida a muitos. Por fim, na aldeia de Purutai, onde transitava continuamente gente estranha, morreu um monte de índio Caiabi.

O índio se defende, confluindo em grupos para uma região única, nas barbas dos seringais.

AGORA O CAIABI



A sucuri comeu um porco do mato e um veado. Seringueiro faz autópsia.



Fogo selvagem pega também o índio Caiabi.